



## A missão dos escóes

---

Neste momento em que no povo ha uma agitação que chegou a arrastal-o ás maiores violencias contra a propriedade dos seus antigos algozes, e quando, nas altas espheras, ha união perfeita de vistas, salvo em pontos secundarios, insignificantes, como disse o perspicaz chefe dr. Arthur Bernardes, é claro que somos nós semeadores das idéas afinal triumphantes, graças á acção dos heróes que se sacrificaram nas carnificinas dos campos de batalha, que devemos dar nossa opinião, na qualidade de conselheiros, de guias, *sem pretensão de impôr nosso modo de vêr*. Minha figura na revolução, representativa do pensar do grupo que semeou as boas idéas, e que preparou o terreno, para que, fecundado com o sangue dos martyres, pudesse nutrir a frondente arvore da liberdade, a cuja sombra se acolherão os nossos descendentes, é a de mero conselheiro. Anticipando o que direi linhas abaixo, consignarei que desejo evitar tomem os vencedores resoluções contrarias ao sentimento nacional.

### UMA CAMPANHA

Foi no “Jornal do Commercio”, graças ao espirito tolerante de Guastini, e auxiliado por outros patriotas, que eu comecei minha luta em pról do ideal hoje vencedor, campanha sem a qual uma revolução não passa de um tumulto

para tirar do poder certos homens que por outros iguaes são substituidos: morte do tyranno, mas não da tyrannia. Continuei, em luta indefessa, pelas columnas da “Folha da Manhã”, do “Diario Popular”, e finalmente pelas do “Diario Nacional” Ao meu lado, na imprensa e na tribuna popular, proseguia na propaganda um punhado de abnegados, não obstante os processos violentos do governo dos presidentes Washington e Julio Prestes, que absolutamente nada ficavam a dever aos adoptados pelo Czar Nicolau II, a crer nas descripções da Princeza Dolgorouky (*La Russie avant la Débâcle*). Foi na cathedra, diante de um limitadissimo auditorio, mas composto de moços intelligentes, que eu preguei as mais liberaes, alevantadas e novas idéas, certo de que meus discipulos espalhariam as verdades pelas classes menos illustradas de nossa sociedade. Sempre mantendo, em minhas prelecções, a orientação critica, que é a modernamente considerada como representando a funcção primordial da Philosophia do Direito, indiquei todas as reformas exigidas pela humanidade culta, ligando particular attenção ao Brasil. Nos livros, nos trabalhos scientificos destinados a pessôas mais cultas, sustentei mesmo que o Estado Moderno se acha periclitando, que o edificio tradicional está em crise, e que não sabemos qual será a organização da sociedade civil em futuro mais ou menos proximo (*Do Regimen Democratico e União Sul-Americana na Rev. de Dir.*, 71/430), sendo, em meu entender, porém, fóra de duvida que não basta retocar, como disse um grande internacionalista, o edificio, aqui ou ali, mas que é indispensavel reformal-o inteiramente dos alicerces ao topo.

### UMA CONCESSÃO

Porque motivo pois me mostrei tão conservador ao tempo em que escrevi sobre a reforma constitucional projectada pelo presidente Bernardes? O movel que a isto me levou tem enorme interesse no momento que atravessa o Brasil.

Sabido é que, pelos principios capitaes da Politica scientifica, deve o estadista examinar, dada a vantagem de uma reforma, se ella é opportuna, se não produzirá o desencadeamento de forças contra si. Uma lei, disse MERKEL, difficilmente será executada, quando não encontra éco perfeito no povo, quando é imposta contra o sentimento dominante em uma sociedade. Ora, é incontestavel que o espirito de progresso está acantoadado em um limitadissimo numero de povos, e que, nestes mesmos, só se depara ao observador em um pequeno escol. O genial secretario florentino, o clarividente MACHIAVEL, em phrase algum tanto velada, mostra, no começo de seu Discurso sobre Tito Livio, quanto é aferada a maioria dos homens á antiguidade, quanto é, seja dito em locução hodierna, conservadora. No C. V. do L. III da sua preciosa obra, concretizando seu pensamento, assevera que Tarquinio, o Soberbo, não seria desthronado sem embargo do procedimento monstruoso que teve para escalar o poder, se houvesse respeitado as antigas leis: “Se elle tivesse observado as leis estabelecidas antigamente pelos outros reis, teria sido supportado, e não teria excitado, nem o senado, nem o povo, para se armarem, afim de lhe arrancarem a corôa” Ajunta ainda MACHIAVEL: “Não foi expulso, porque seu filho Sexto deshonorou a Lucrecia. ” TOLSTOI refere, em seu romance “Resurreição” que os camponios russos não acceitavam contractos vantajosissimos com seus amos, temerosos exclusivamente da innovação. Quantos exemplos temos diariamente desta tendencia dos homens do povo! Não ha muito, um misero official de alfaiataria fazia a prova de uma roupa, e ao freguez referia os horrores que traria o bolchevismo, se se extendesse pelo mundo. E eu me perguntava se era possivel que este homem, a quem tão pouco favorecera o regimen actual, pensasse que os bolchevistas não teriam necessidade de seus serviços profissionaes, que voltariam á nudez paradisiaca. Não por notar no bolchevismo defeitos (e os tem grandes o regimen da Russia actual), mas só por entender que era uma novidade, detestava o alfaiate a fórmula que Marx indicára para

luta contra o capitalismo. Razão teve DICEY ao sustentar (Lei e Opinião Publica na Inglaterra) que dezenas de annos eram necessarias para passar uma idéa a ser opinião publica, e, depois, lei: o processo é continuo, mas lento.

### A TRAIÇÃO DOS INTELLECTUAES

Appareceu, ha pouco, a celebre monographia de JULIO BENDA, na qual accusa o autor os intellectuaes de dizerem o que não corresponde ás suas convicções: é a conhecidissima "*Trahison des Clercs*" Attribue BENDA isto á fraqueza de nosso character, factor primordial, é certo, em tempos idos, quando as letras não davam para o pão quotidiano. Outro porém creio ser o motivo por que não pedem os homens de conhecimentos sociologicos todos os melhoramentos que se lhes afiguram salutaes na organização social: é que reconhecem a impossibilidade de os alcançar, em vista da resistencia que encontrarão na maioria esmagadora, pouco amiga de novidades.

Ora, sabemos todos que a Politica, segundo a noção de SCHAFFLE, é a arte de "guiar todas as tendencias sociaes divergentes, dando-lhes novas direcções communs e médias com um minimo de resistencia collectiva e um minimo de perda de forças". Oppôr umas forças a outras, imprimir-lhes uma direcção resultante da combinação das primitivas, mas nunca resistir ao desejo de uma maioria vultosa, eis o segredo do estadista.

Desde os remotissimos tempos da Grecia antiga, tinham os philosophos, segundo a mais acceita versão, o costume de não enfrentar os preconceitos populares, e assim mesmo. deixou a morte de SOCRATES um escarnento para aquelles que desejam, sem ambages, dizer toda a verdade ao povo, contrariando a opinião corrente. Dizem que, em cada uma de suas operas, fazia MEYERBEER uma concessão ao gosto popular: o côro dos punhaes, a canção de NELUSKES. Merece ser imitado.

Summariando: no doutrinar, a mais ampla liberdade em expôr todas as reformas que exige a nova phase da vida da humanidade; mas, ao formular um systema juridico, ceder diante daquelle que é o verdadeiro dono da republica, o povo. Seja este esclarecido, mas nada se lhe imponha: dê o liberal conselhos, mas não exija que prevaleça sua opinião.

Este pequeno artigo nada mais é que o desenvolvimento do que expuz no meu modesto livrinho “Do Regimen Democratico” ás pags. 12, 18, 46 e 47, pontos que tanto estomagaram aos partidarios do *despotismo esclarecido*.

DR. JOÃO ARRUDA

Professor cathedratico de Philosophia do Direito.